



MEIO INTELLECTUAL, MEIO DE ESQUERDA

**MEIO  
INTELECTUAL  
MEIO DE  
ESQUERDA**

**ANTONIO  
PRATA**

**L I S B O A  
T I N T A - D A - C H I N A  
M M X V I**

## ÍNDICE

Nota: *Meio intelectual, meio de esquerda* saiu no Brasil em 2010 e reunia algumas das crônicas escritas desde 2003 para o jornal *O Estado de São Paulo*. A presente versão traz a maior parte daqueles textos mais uma seleção de crônicas publicadas a partir de 2010 no jornal *Folha de São Paulo*.

© 2016, Antonio Prata  
e Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua Francisco Ferrer, 6A  
1500-461 Lisboa  
Tels.: 21 726 90 28/9  
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *Meio intelectual, meio de esquerda*  
Autor: António Prata  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição: Tinta-da-china  
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Agosto de 2016

ISBN: 978-989-671-330-0  
Depósito Legal n.º 413241/16

|                                       |    |
|---------------------------------------|----|
| Crescente, cheia, minguante.....      | 11 |
| Recordação.....                       | 13 |
| Um escritor! Um escritor!.....        | 16 |
| O guarda-chuva.....                   | 19 |
| A gostosa.....                        | 21 |
| Vespertina tropical.....              | 23 |
| Separação.....                        | 26 |
| O sustinho.....                       | 29 |
| Loja de colchões.....                 | 32 |
| Promessa.....                         | 34 |
| Móveis ao mar.....                    | 37 |
| Os outros.....                        | 39 |
| Bar ruim é lindo, bicho.....          | 41 |
| Pétalas e bitucas.....                | 44 |
| O salto.....                          | 46 |
| Marretadas.....                       | 48 |
| O apartamento dela.....               | 50 |
| A coifa uruguaia.....                 | 52 |
| Eu, me, mim, comigo.....              | 54 |
| 100% classe média.....                | 56 |
| O Brasil na faixa.....                | 58 |
| Janela indiscreta.....                | 60 |
| Quem pinta?.....                      | 62 |
| Conveniência.....                     | 64 |
| Não quer dar uma olhada na água?..... | 66 |
| Paulista.....                         | 69 |
| Caos e celulose.....                  | 71 |

|                             |     |
|-----------------------------|-----|
| Dogma na brasa.....         | 73  |
| A banalidade do bem.....    | 75  |
| Bicicletai!.....            | 77  |
| Diga trinta e três.....     | 79  |
| Domingo.....                | 82  |
| Meias.....                  | 84  |
| Eu, ela e o Keith.....      | 87  |
| O engano.....               | 90  |
| A jarra.....                | 93  |
| Firma reconhecida.....      | 96  |
| Vozinha.....                | 98  |
| «Felicidade, sim».....      | 101 |
| Expiar.....                 | 103 |
| O fim de (quase) tudo.....  | 105 |
| Sobre heróis e tubas.....   | 108 |
| Plano.....                  | 110 |
| Do chutão.....              | 113 |
| Abril, maio, junho.....     | 115 |
| Libera a guitarrinha!.....  | 117 |
| Ars procrastinaria.....     | 120 |
| Sapatos.....                | 122 |
| Saída para o mar.....       | 125 |
| Sem mais, Deus.....         | 128 |
| Eu não nasci de óculos..... | 131 |
| Feira de Frankfute.....     | 134 |
| Coleta de material.....     | 137 |
| Ficando pra trás.....       | 140 |
| É pavê... ..                | 142 |
| Acaju?.....                 | 145 |
| K entre nós.....            | 147 |

|                                    |     |
|------------------------------------|-----|
| Abraçando árvore.....              | 149 |
| Estado de graça.....               | 152 |
| Vini, vidi, perdidi.....           | 155 |
| Apolpando.....                     | 158 |
| Sobe o pano.....                   | 161 |
| Diário.....                        | 163 |
| Impressões digitais.....           | 166 |
| Gênesis, revisto e ampliado.....   | 169 |
| Dente por dente.....               | 172 |
| Abundância.....                    | 175 |
| Sua vez.....                       | 178 |
| A fuga do cativeiro egípcio.....   | 181 |
| Por um fio.....                    | 184 |
| Coisas importantes.....            | 187 |
| Geopolítica do coração.....        | 189 |
| 7 x 1.....                         | 191 |
| 2001: Uma odisseia no espaço.....  | 193 |
| Estiagem.....                      | 196 |
| Trinta e quantos?.....             | 199 |
| A pátria de ponteiros.....         | 202 |
| Nas coxas.....                     | 205 |
| Meu reino por uma pamonha.....     | 208 |
| Dupla personalidade.....           | 211 |
| Charutos e chupetas.....           | 214 |
| Desmantelo só quer começo.....     | 216 |
| Mexeriqueira em flor.....          | 219 |
| Ao pé do olvido.....               | 222 |
| Hierarquia.....                    | 225 |
| A metamorfose — com barreiras..... | 228 |
| Daniel.....                        | 230 |

|                              |     |
|------------------------------|-----|
| Tal pai, tal filho.....      | 233 |
| Meia abdominal.....          | 235 |
| Dormir é para os fracos..... | 238 |
| Refogar cebolas .....        | 241 |
| Indo embora.....             | 244 |

## CRESCENTE, CHEIA, MINGUANTE

Estava ali no sofá, Coca-Cola numa mão, controle remoto na outra, quando dei de cara com a Lua, na TV Cultura. Uma voz seríssima — como convém aos narradores de documentários — perguntava: «De onde terá vindo?»

Ora, até aquele momento, eu pensava que a Lua não tivesse vindo de lugar nenhum, simplesmente girasse ao nosso redor, desde que o mundo é mundo, a influenciar marés e poetas bissextos. Pois o homem disse que não. Houve uma época em que toda noite era escura, não havia marés nem poetas bissextos e a Terra rodava em torno do Sol desprovida de seu satélite natural.

«E aí?! E aí?!», perguntei, angustiado em meu sofá, como que perdido no breu das noites primevas. Bem, não se sabe exatamente. Ou vários pedregulhos que estavam vagando por perto — serragem da criação do Sistema Solar — acabaram se aglomerando e formando a Lua, ou, o que é mais provável, ela é um naco da Terra, arrancado pelo impacto de um asteroide. O naco, antes disforme, girou por tanto tempo à nossa volta que acabou redondo, «como um caco de vidro à beira-mar» — palavras do narrador.

Uma das missões do programa Apolo era descobrir do que a Lua era feita e, assim, provar uma das teorias. Se fosse sangue

do nosso sangue, seria filha do impacto. Se feita de serragem do Sistema Solar, a hipótese do aglomerado vencia. Pois Neil Armstrong e seus colegas trouxeram todos os pedregulhos que couberam no porta-malas do módulo lunar, os cientistas da NASA analisaram tudo com seus aparelhos e, no fim, vieram a público dizer que, bem, não haviam chegado a uma conclusão. A Lua era parecida demais conosco para negarmos que fosse nossa costela, mas diferente o suficiente para suspeitarmos que talvez não fosse.

O mais incrível, contudo, o homem de voz grave guardou para o fim. Em 1969, os astronautas deixaram em solo lunar um quadrado de cristal, menor do que uma carta de baralho. Toda noite, desde então, num vilarejo do Texas, um sujeito chamado Phil pega sua bicicleta, pedala até o topo de uma colina e puxa o gatilho de um enorme canhão de laser, mirando bem no meio do quadrado. O laser bate lá, volta à Terra e Phil anota quanto tempo demorou. A cada dia, o raio demora mais para voltar, o que prova algo que os cientistas já desconfiavam: atraída pelo Sol, a Lua se afasta de nós, 1,89 cm por ano. Um dia, ela estará tão próxima à bola de fogo que será engolida pelas chamas.

Terminado o documentário, eu era só melancolia. No fim das contas, a Lua se parece muito com outra coisa, que sabemos do que é feita, não exatamente como surgiu e só podemos afirmar com certeza que um dia acabará. Enquanto isso, brilha — dirá o poeta bissexto. Algumas noites, algumas noites...

## RECORDAÇÃO

«Hoje a gente ia fazer vinte e cinco anos de casado», ele disse, me olhando pelo retrovisor. Fiquei sem reação: tinha pegado o táxi na Nove de Julho, o trânsito estava ruim, levamos meia hora pra percorrer a Faria Lima e chegar à rua dos Pinheiros, tudo no mais asséptico silêncio. Aí, então, ele me encara pelo espelhinho e, como se fosse a continuação de uma longa conversa, solta essa: «Hoje a gente ia fazer vinte e cinco anos de casado.»

Meu espanto não durou muito, pois ele logo emendou: «Nunca vou esquecer: 1.º de junho de 1988. A gente se conheceu num barzinho lá em Santos e dali pra frente nunca ficou um dia sem se falar! Até que cinco anos atrás... Fazer o quê, né? Se Deus quis assim...»

Houve um breve silêncio, enquanto ultrapassávamos um caminhão de lixo, e consegui encaixar um «Sinto muito». «Brigado. No começo foi complicado, agora tô me acostumando. Mas sabe que que é mais difícil? Não ter foto dela.» «Cê não tem nenhuma?» «Não, tenho foto, sim, eu até fiz um álbum, mas não tem foto dela fazendo as coisas dela, entendeu? Tipo: tem ela no casamento da nossa mais velha, toda arrumada. Mas ela não era daquele jeito, com penteado, com vestido. Sabe o jeito que eu mais lembro dela? De avental. Só que toda vez que tinha almoço lá em casa, festa e alguém aparecia com uma

## ÍNDIO EMBORA

Como em tantas outras madrugadas, acordo com um chorinho na babá eletrônica. É a Olivia, minha filha mais velha, de dois anos e meio. Na maioria das vezes, ela vira pro lado e volta a dormir, sozinha. Em algumas noites, contudo — e é o caso desta aqui —, ela senta no berço e começa a gritar «Papai! Papai! Papai!» ou «Mamãe! Mamãe! Mamãe!» até que um de nós apareça pra ouvir suas reivindicações.

São dois filhos, duas babás eletrônicas cujos sinais se embaralham, de modo que não ouço bem se é «Papai!» — e serei eu a sair tropeçando pela noite fria — ou «Mamãe!» — e caberá à Julia explicar que não é hora de mamar, nem de ir pra escola, nem de brincar com o Senhor Batata, nem de ouvir Galinha Pintadinha, mas hora de dormir.

«É papai ou mamãe?», balbucio, de olhos fechados, ao que minha mulher, sem nenhuma compaixão, sem nem sequer segurar a minha mão ou fazer um cafuné preparatório, dispara: «É 'Arthur'.» Uma espada samurai atravessa o meu peito.

É claro que eu sabia que esse dia iria chegar: o dia em que aquele bebezinho lindo que embalei nos meus braços, na maternidade, aquele serzinho indefeso que eu trouxe pra casa a quinze quilômetros por hora com pisca alerta ligado, aquele

bumbunzinho rechonchudo que tantas vezes limpei, aqueles olhões deslumbrantes diante dos quais expliquei «esse é o leão», «essa é a lua», «esse é o manjericão», «essa é a chuva», iriam me trocar por outro homem. Achava, porém, que esse dia só viria daqui a umas duas décadas, na previsão mais pessimista.

Pensando bem, nem havia pessimismo na previsão. Imaginava, não sei se do alto do meu narcisismo ou do fundo da minha ingenuidade, que iria encarar tal dia com satisfação. Afinal, eu haveria criado minha filha pro mundo. Que ela saísse por aí se apaixonando e namorando seria um sinal da sua saúde e do nosso acerto.

Um pai enciumado? Coisa mais anos 50 — e, no entanto, meus amigos, quando descubro que não é a mim que ela implora pra salvá-la do escuro e da solidão, mas ao Arthur, colega da escola — um rapaz mais velho, diga-se de passagem, já beijando os três anos —, um nó de marinheiro se forma na minha garganta.

Estirado na cama, trêmulo, me dou conta de que, nas últimas semanas, ela já vinha dando sinais daquela paixão, e, pior, eu os vinha recebendo com patente irritação. Eu pegava o *Marcelo, marmelo, martelo*, a Olivia punha o dedo na capa e dizia: «Arthur!» «Não, Olivia, não é o Arthur, é o Marcelo!» Aparecia o irmão da Peppa, na tv, ela corria até a tela, sorrindo: «Arthur!» «Não, Olivia, não é o Arthur, é o irmão da Peppa, o George!» Os três porquinhos? «Arthur! Arthur! Arthur!» «Não, Olivia, são Prático, Cícero e Heitor!» «Arthur?!» «Heitor.»

«Se você não vai, eu vou!», resmungo minha mulher, saindo da cama, surpreendentemente insensível ao meu cataclismo emocional. Só, vendo a Olivia na telinha da babá eletrônica, compreendo que não é ciúmes o que eu sinto, é solidão, uma



solidão inédita e brutal: aquela menininha sentada no berço já começou a sair de casa, está indo embora, minuto a minuto, desde o dia em que a embalei no colo pela primeira vez, na maternidade; logo, logo, ela parte, de braços dados com algum Arthur, depois eu fico velho, aí eu morro, então acabou-se o que era doce, ou agridoce, tão rápido, que coisa mais doida é isso tudo.



**MEIO  
INTELLECTUAL  
MEIO DE  
ESQUERDA**

foi composto em caracteres Hoefler  
Text e impresso pela Guide, Artes Gráficas,  
em papel Coral Book de 80 g,  
em Agosto de 2016.

